

# VITÓRIA!

## REITORA REVOGA SENTENÇA IMPOSTA À PROFESSORA BIA ABRAMIDES!

A reitora Anna Maria Marques Cintra enviou comunicado ao presidente da Comissão Processante da PUC-SP, professor Christiano Jorge Santos, informando-o sobre "a revogação da decisão tomada anteriormente, qual seja a aplicação de advertência formal à Professora Doutora Maria Beatriz Costa Abramides", ficando anulada a aplicação de sanção à docente.

Entre os argumentos apresentados para justificar a atitude, a professora Anna Cintra considera o atual contexto da universidade, que apresenta prioridades que requerem a boa convivência entre os segmentos (veja íntegra da decisão na página 2 desta edição).

A sentença proferida pela reitora vem coroar todo um esforço da comunidade puquiã

e de setores da sociedade brasileira e organizações internacionais que, durante 14 meses, levantaram suas vozes contra a penalização da qual era vítima a professora Bia Abramides.

### PROCESSO POLÍTICO

No dia 27/2/2013 a professora Bia Abramides acompanhou, na qualidade de diretora da APROPUC, conforme deliberação da Assembleia de Professores realizada no dia anterior, a uma reunião organizada pelos estudantes, na sala onde aconteceria o Conselho Universitário, o primeiro após a conturbada nomeação da professora Anna Cintra.

Na sequência, em 11/3/2013, a reitora nomeada solicitou a instauração de um processo administrativo contra atitude

da diretora da APROPUC. A entidade entendeu que o processo não tinha somente um cunho administrativo, mas também político, visto que envolvia a professora que representava a associação da categoria bem como deliberação da assembleia.

Seguiram-se várias oitivas com manifestações de professores e estudantes em apoio à professora Bia Abramides. A professora foi defendida pela advogada da entidade, Sabrina Noureddine e pelo advogado Aton Fon Filho, defensor de inúmeras causas que envolvem violações de direitos humanos.

No dia 4/6/2013 a Comissão processante expediu sua sentença. Os professores Antonio Marcio da Cunha Guimarães, Sandra Mara Ribeiro Murad e

Carlos Eduardo Carvalho, concluíam entre outras análises, que "o incitamento dos alunos pela professora Beatriz Abramides, tal como descrito na instauração do presente processo não restou configurado". Porém o professor Carlos Eduardo Carvalho, em voto separado, entendia que a atitude da professora constituía um desrespeito ao Conselho Universitário, sendo, portanto, passível de punição.

A reitora, em 27/1/2014, passados sete meses da conclusão da Comissão, optou pela condenação da professora Bia a uma pena de advertência formal, que seria anexada ao seu prontuário.

Durante todo o desenrolar

continua na próxima página

## Resistência e Luta é a única chapa inscrita para a eleição da APROPUC

Somente uma chapa inscreveu-se para o pleito que elegerá a nova diretoria da APROPUC: Resistência e Luta, presidida pelo professor João Batista Teixeira, do departamento de Inglês da Faficla concorrerá nos dias 3, 4 e 5/6 no pleito que renovará a diretoria da entidade. O grupo que se articulou para compor a chapa Re-

sistência e Luta tem entre os seus princípios básicos: defender o funcionamento democrático da entidade e o respeito à soberania das assembleias dos professores; defender os salários, os contratos por tempo de trabalho e a melhoria das condições do ensino, salário igual para trabalho igual; defender a articulação entre ensino,

pesquisa e extensão; a unidade da teoria e da prática e a geração do conhecimento ligado à produção social e às necessidades e transformações da sociedade; defender o ensino público, gratuito, presencial, laico e de qualidade em todos os níveis; defender a inserção da APROPUC no movimento social dos professores e nas lutas gerais dos

trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho. Os componentes de Resistência e Luta realizarão um debate, no dia 29/5 às 18h na sede da APROPUC, para discutir com os demais professores a plataforma da chapa.

**Veja nas páginas 4 e 5 o programa e a composição completa da chapa.**

continuação da página anterior

do processo e depois de divulgada a sentença, a APROPUC recebeu uma quantidade colossal de moções de solidariedade, vindas de entidades, associações, sindicatos, professores, estudantes, movimentos sociais e cidadãos de todo o país e de entidades internacionais.

### CONSUN

Restou então à professora e à entidade o recurso ao Conselho Universitário (Consun) para a revogação da pena. Os argumentos jurídicos encaminhavam para a nulidade da sentença, uma vez que esta contrariava a própria decisão da Comissão Sindicante e desrespeitava o princípio de imediatidade e que poderia, pela demora na comunicação da pena, configurar o assédio moral à professora, além de extinguir a própria pena.

No Consun de abril a reitoria insistiu em que o tema era fundamentalmente de cunho trabalhista e deveria, portanto, ser de-

batido no Conselho de Administração (Consad). A grande maioria dos conselheiros, porém, optou pelo ingresso em pauta dos recursos impetrados pela APROPUC e pela professora, pois entendiam que o assunto era sim de cunho acadêmico. Os conselheiros e a APROPUC enfatizaram o parágrafo XVIII do artigo 21 do Estatuto que, amparando-se no Regimento da universidade, considera que o tema é passível de discussão no Consun. Vários conselheiros naquela oportunidade já entraram no mérito da questão, explanando sua posição favorável à diretora da APROPUC.

Finalmente, depois de analisar a questão, a professora Anna Cintra reuniu-se com a professora Bia Abramides, no dia 14/5, e expôs sua posição de revogar a pena. A decisão, embora de uma maneira precária, devolve circunstancialmente a PUC-SP ao seu caminho de liberdade de expressão e autonomia, que durante décadas vem constituindo a sua história democrática. Uma universidade empenhada na defesa

dos direitos humanos, e que constitui sua própria Comissão da Verdade para julgar os crimes da ditadura militar, não pode prestar-se à punição de profes-

sos e perseguição de estudantes cujo único "crime" foi levantar a sua voz contra uma situação que julgavam arbitrária e uma afronta à democracia.

### A decisão da professora Anna Cintra

À Comissão Sindicante Processante Permanente Prof. Dr. Christiano Jorge Santos

Tendo em vista a decisão que determinou a aplicação de advertência formal à Professora Doutora Maria Beatriz Costa Abramides, no processo administrativo R-6/2013 e;

Considerando o atual contexto da Universidade, que apresenta prioridades que requerem a boa convivência entre os segmentos;

Considerando que, na função de Reitora da Universidade, devo zelar pelo convívio pacífico de forma a assegurar um ambiente favorável que garanta a boa gestão da Universidade;

E, finalmente, consideran-

do que a harmonia da PUC-SP deve ser preservada como preceito orientador da comunidade;

Revogo a decisão anteriormente tomada, qual seja, "aplicação de advertência formal à Professora Doutora Maria Beatriz Costa Abramides";

Nesse sentido, fica anulada a aplicação de sanção à Professora Doutora Maria Beatriz Costa Abramides;

Dê-se ciência desta decisão à interessada e aos Egrégios Consad e Consun, determinando a retirada do item das pautas dos respectivos Conselhos.

**Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra**  
**Reitora da PUC-SP e**  
**Presidente do Consun e**  
**do Consad**

## Semana do Serviço Social debate a ditadura civil-militar no Brasil

De segunda-feira, 12/5, até quarta-feira, 14/5, na PUC-SP, foi realizada a Semana do Serviço Social com o tema "Serviço Social e resistência: lutar quando é fácil ceder".

No primeiro dia de atividades, sob o tema "Construindo feminismos: da guerrilha à imprensa feminista", foi realizado um debate com a presença de Rosalina Santa Cruz, professora e membro da Comissão da Verdade Reitora Nadir Gouvêa Kfourri, Amelinha Teles, integrante da Comissão da Verdade da Assembleia Legislativa, e com a jornalista Jacira Mello. O jornal Brasil Mulher, que teve sua primeira edição publicada em outubro de 1975, durou cinco anos, todos na clandestinidade. O veículo defendia o feminismo popular e sua principal luta era pela anistia de todos os presos e presas. Ameli-

nha e Rosalina fizeram parte do Brasil Mulher, que é um dos grandes pilares do feminismo no país.

No segundo dia de debates, as professoras Sueli Pacheco, Márcia Paixão e Marli Pitarello, da PUC-SP, e Maria Rosângela Batistoni, da Unifesp, discutiram o papel do Serviço Social durante a Ditadura Militar no Brasil. As professoras destacaram o fato paradoxal de o número de empregos para os assistentes sociais ter aumentado no período. Maria Rosângela resgatou diversos momentos da repressão dos militares, como a proibição da existência da União Nacional dos Estudantes, e o acordo MEC-Usaid, que afetou diretamente o ensino no Brasil. Também segundo a professora, "as classes assalariadas eram o grande inimigo dos militares, a repressão era direcionada a elas".



Acima a interpretação de músicas do período da ditadura militar pelo grupo Cia. do Tijolo; no destaque a exibição de vídeo em memória dos desaparecidos



Já na quarta-feira, o tema abordado foi "Ditadura militar: que não se esqueça, para que não se repita!" e contou com a participação da professora Rosalina Santa Cruz, do professor Antônio Rago e do estudante de Economia Lucas Saqueto Espinoza, ambos os membros da Co-

missão da Verdade Reitora Nadir Gouvêa Kfourri. Na ocasião, militantes mortos e desaparecidos foram lembrados e homenageados, e a necessidade da atuação dos movimentos sociais e a importância da articulação da esquerda foram assuntos também debatidos.

MARCELA REIS

## MOVIMENTOS SOCIAIS



Concentração para o protesto na Praça do Ciclista

## Manifestantes protestam contra a Copa do Mundo

Na quinta-feira, 15/5, O Comitê Popular da Copa de São Paulo organizou um protesto contra a Copa do Mundo, marcado para as 17h na Praça do Ciclista, localizada na Avenida Paulista, com direção ao Estádio do Pacaembu. Essa data foi batizada como "Dia Internacional de Lutas Contra a Copa" pelos Comitês Populares, em encontro nacional em dezembro de 2013. Ações e protestos estavam marcados para acontecer em 50 cidades brasileiras, incluindo as capitais que sediarão os jogos, e também em outros países.

Em São Paulo, o protesto começou por volta das 18h30 e seguiu em direção à Rua da Consolação. Pouco tempo depois do início do ato, bombas de gás foram jogadas pela Tropa de Choque, que localizava melhor os manifestantes devido aos avisos dos helicópteros da PM (Polícia Militar). A dispersão da rota escolhida pelos manifestantes foi quase que imediata, porém, policiais ainda jogaram diversas bombas de gás durante todo o protesto. A polícia prendeu cerca de 20 manifestantes logo no início do ato, com a justificativa

destes portarem coquetéis molotov e martelos.

Participaram do protesto partidos políticos como o PSTU e o PSOL, coletivos como o RUA - Juventude Anticapitalista, o Juntos e o Pão e Rosas, o fenômeno Black Bloc e diversos cidadãos autônomos. Em média, cerca de 7 mil pessoas estavam nas ruas lutando contra a Copa do Mundo de 2014.

Dentre as razões apontadas para os protestos estão: remoção forçada de cerca de 250 mil pessoas, devido às obras; as dez mortes de trabalhadores na construção dos estádios; proibição do

trabalho ambulante, de acordo com a Lei Geral da Copa; elitização e privatização das arenas que sediarão os jogos; violência contra moradores de rua.

### MTST

Na quinta-feira, o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto) realizou diversos atos pela cidade de São Paulo, a fim de chamar atenção para o problema da falta de moradia e para a reivindicação da reforma urbana. O Movimento organizou manifestações em Brasília, Rio de Janeiro e Palmas.

## Em nota, organizações repudiam racismo na PUC-Campinas

MARCELA REIS

A Organização Blogueiras Negras elaborou uma nota de repúdio, que foi assinada por inúmeros coletivos e outras organizações, inclusive pela APROPUC, endereçada ao racismo presente na PUC-Campinas, na sexta-feira, 9/5. A única estudante negra do curso de Arquitetura e Urbanismo (que tem cerca de 200 alunos matriculados) da universidade teve sua liberdade de expressão roubada, a partir do momento em que seus comentários das redes sociais sobre o racismo que sofre diariamente se tornaram assunto nos corredores da instituição.

A estudante Stephanie Ribeiro, que além de negra, é mulher e feminista, e, portanto, sofre dia a dia todas as opressões que a cor, o gênero e a escolha pela liberdade acarretam, teve seu armário na universidade pichado com a seguinte frase: "Não ligamos para as bostas que você posta no Facebook". A PUC-Campinas também não se mostrou ao lado de Stephanie, pois a instituição não verificou suas denúncias acerca das violências sofridas e não deu assistência alguma à aluna. Ademais, a estudante foi retirada da sala de aula para se reunir com diretores da universidade, que a informaram que os outros estudantes, além dos pais e professores se sentem prejudicados com suas denúncias.

## Moções em prol dos professores em greve de fome na Bolívia

A Corrente Proletária Estudantil, que foi organizada pelo Partido Operário Revolucionário, pede a ajuda de todos, para enviarem moções de solidariedade e apoio aos professores do magistério boliviano, que estão em greve de fome como forma de protes-

to contra a lei educativa imposta pelo presidente da Bolívia Evo Morales.

Os educadores são contra a lei Siñani-Pérez, pois ela tem como proposta a redução de horas de formação científica dos estudantes, bloqueia oportunidades para que bacharéis

entrem nas universidades e rebaixa a qualidade educacional.

O apoio de partidos, movimentos sociais, sindicatos, centros acadêmicos e outros tipos de organizações é de extrema importância. Para ajudar basta enviar a moção para: [por\\_paraiba@hotmail.com](mailto:por_paraiba@hotmail.com).



## APROPUC - 2014

# RESISTÊNCIA E LUTA

Professor(a),

Dentro de alguns dias teremos eleições para a diretoria da APROPUC. Nossa entidade de classe vai completar 39 anos de existência - e sempre esteve na defesa dos interesses e direitos dos professores. Tem compromisso firme e sério com a categoria profissional e tem uma longa e reconhecida história de lutas. Jamais deixou de ser essa importante trincheira dos docentes da PUC-SP, tanto nos bons como nos maus momentos da Universidade.

Sabemos que a PUC-SP vive agora uma crise sem precedentes. A Universidade começou 2014 com redução de alunos na maioria dos cursos, vários desses cursos não abriram turmas devido ao baixo número de inscritos no vestibular e nas matrículas. Alguns funcionários foram sumariamente demitidos. Centenas de professores tiveram seus contratos reduzidos compulsoriamente. A movimentação da cúpula dirigente indica que novas reduções de contratos e demissões podem acontecer ao longo do ano. O clima geral é de desalento.

Em momentos como esse os professores precisam - mais do que nunca - debater os seus problemas, analisar a situação, unir suas

forças e atuar coletivamente. É um grande equívoco imaginar que a solução seja individual, que cada professor vai conseguir, sozinho, salvar a própria pele, não sofrer os efeitos da crise que atinge a todos. Silenciar, fingir que está tudo bem, buscar saída pessoal ou tentar proteção na forma de submissão e bajulação - não vai impedir demissões e reduções contratuais.

Somente com união e luta os professores poderão negociar em situação de igualdade com a Fundação São Paulo, apresentar propostas que enfrentem a crise com o menor dano possível aos salários, às condições de trabalho e aos empregos. Como vamos preservar empregos se não somarmos forças em torno de um programa mínimo de defesa da categoria? Como vamos defender nossos direitos se não tivermos uma entidade forte e vigilante? Esse é o momento de atuarmos com unidade para exigir medidas que respeitem o conjunto dos professores que dedicaram anos de suas vidas para manter a PUC-SP de pé.

A APROPUC continua sendo a nossa mais importante trincheira de resistência e luta. Graças ao empenho, dedicação e apoio de muitos professores, a en-

tidade tem conseguido estimular o debate sobre os principais problemas da Universidade, defender o contrato coletivo da categoria, denunciar as ameaças e violências praticadas contra os professores, fazer o contraponto aos que querem destruir a história da PUC-SP e impedir que os ataques aos nossos direitos possam ocorrer sem respeito às leis e à dignidade profissional de todos nós.

Por isso resistimos e lutamos.

**Nossa CHAPA assume os seguintes compromissos:**

#### Na APROPUC:

1. Defender o funcionamento democrático da entidade e o respeito à soberania das assembleias dos professores.
2. Defender o zelo e a transparência de todas as atividades administrativas e financeiras da associação.
3. Defender o fortalecimento dos mecanismos de participação dos professores na entidade, a criação de comissões específicas e a constituição de um Conselho de Representantes.
4. Realizar campanhas de filiação junto aos professores nos departamentos e estimular a uti-

lização da sede pelos associados.

5. Aprimorar os canais de divulgação e comunicação da entidade e assegurar o bom funcionamento do jornal *PUCviva*, do site e das redes sociais da APROPUC e das revistas *PUCviva e Cultura Crítica*.

6. Promover formas democráticas de utilização do espaço da APROPUC, como em saraus culturais, lançamentos de livros, cursos, palestras e outros eventos.

#### Na Universidade:

7. Defender os salários, os contratos por tempo de trabalho e a melhoria das condições do ensino, salário igual para trabalho igual.

8. Lutar por um Acordo Interno que garanta direitos, conquistas e a dignidade de trabalho aos professores.

9. Lutar pela melhoria das instalações, dos equipamentos e da infraestrutura da Universidade, atualmente em situação precária em várias unidades.

10. Defender a autonomia da Universidade e os procedimentos democráticos em todas as atividades e instâncias.

11. Defender a unidade de ação dos três segmentos da Universidade: professores, funcionários e estudantes.

12. Defender a articula-

ção entre ensino, pesquisa e extensão; a unidade da teoria e da prática e a geração do conhecimento ligado à produção social e às necessidades e transformações da sociedade.

13. Combater as políticas privatistas e elitistas do ensino e defender a função social e comunitária da Universidade.

#### Na sociedade:

14. Defender o ensino público, gratuito, presencial, laico e de qualidade em todos os níveis.

15. Defender a inserção da APROPUC no movimento social dos professores e nas lutas gerais dos trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho.

16. Lutar contra as reformas neoliberais - trabalhista, sindical, previdenciária, do ensino superior - e a retirada de conquistas e direitos dos professores e dos trabalhadores.

17. Apoiar a reforma

agrária e os movimentos pela terra, os movimentos pela moradia popular, os movimentos indígenas e quilombolas.

18. Lutar contra o desemprego, a "flexibilização" da legislação trabalhista e a demissão imotivada dos trabalhadores.

19. Defender o direito de greve e o fim da legislação repressiva e restritiva às lutas dos trabalhadores.

20. Defender as liberdades democráticas, especialmente de expressão, de reunião, de organização e de manifestação dos trabalhadores com ampliação das conquistas sociais.

21. Repudiar veementemente a discriminação e a opressão de classe, gênero, raça, etnia e orientação sexual, assim como todo tipo de censura e de violência, privada e estatal.

22. Repudiar e denunciar todas as formas de exploração e de opressão; apoiar as lutas por uma sociedade justa, igualitária, livre e democrática.

## Chapa Resistência e Luta

### Presidente

João Batista Teixeira da Silva (Letras-Inglês)

### Vice-Presidente

Maria Beatriz Costa Abramides (Serviço Social)

### 1ª Secretário

Leonardo Massud (Direito)

### 2º Secretário

Rodrigo Priolli de Oliveira Filho (Direito)

### 1ª Tesoureira

Victoria Claire Weischtordt (Letras-Inglês)

### 2ª Tesoureira

Sandra Gagliardi Sanchez (Psicologia)

### Suplentes

1º - Jason Tadeu Borba (Economia)

2ª - Regina Maria D'Aquino F. Gadelha (Economia)

3º - Hamilton Octávio de Souza (Jornalismo)

### Comissão de Cultura

1º - Áquilas Nogueira Mendes (Economia)

2º - Antonio Rago Filho (História)

### Comissão de Trabalho e Ensino

1ª - Carla Andréa Tieppo (Psicologia)

# Professor/a Participe das ELEIÇÕES da APROPUC



## Votação 3 a 5 de Junho 2014

Edital no site  
Link: Eleições 2014/2016  
[www.apropuc.sp.org.br](http://www.apropuc.sp.org.br)

APROPUC-ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DA PUC

## GAUCHE NA VIDA

# "Deveríamos tratar porte de drogas como tratamos infração de trânsito"

*O neurocientista Carl Hart, de 47 anos, acreditou durante boa parte da vida que as drogas tinham um alto poder viciante e seriam a causa de diversos problemas sociais.*

Tendo crescido na periferia de Miami, ele viu amigos e familiares se tornarem dependentes do crack, recorrerem a crimes para sustentar o consumo e acabarem presos ou mortos ao se envolver com o tráfico. Sua visão mudou quando tornou-se pesquisador nos anos 1990.

Hart estudou o comportamento de dependentes e, em sua busca por uma forma de impedir que as drogas viciem, chegou à conclusão de que estas substâncias não são tão viciantes como imaginava.

Hart oferecia US\$ 5 a dependentes para que não tomassem uma segunda dose diária de crack. Isso mostrou ao cientista que os dependentes eram capazes de tomar decisões racionais. Hart replicou o estudo com a droga metanfetamina e chegou aos mesmos resultados. Ainda descobriu que, ao aumentar o valor para US\$ 20, todos os dependentes optavam pelo dinheiro. A descoberta o fez investigar ainda mais a fundo o universo das drogas e chegar à conclusão de que muitas premissas nas quais se baseiam as atuais políticas governamentais sobre drogas são invalidadas por pesquisas científicas.

Sua experiência está resumida em *Um Preço Muito Alto* (Editora Zahar), lançado neste mês no Brasil. No livro, Hart, que está no Brasil para lançar seu livro e realizar palestras, detalha episódios pessoais com as drogas e explica como sua afinidade por esporte, música e literatura, além dos conselhos recebidos por seus mentores, o levaram por um caminho diferente. Hoje, Hart é professor de psicologia e psiquiatria na Universidade Columbia, o primeiro negro a ocupar esse cargo, e é pes-

quisador da Divisão de Abuso de Substâncias do Instituto de Psiquiatria de Nova York.

Na entrevista a seguir, ele defende que problemas sociais, como a pobreza e a falta de educação, são mais preponderantes do que o potencial viciante de substâncias químicas. Diz que é preciso esclarecer os mitos e reais perigos das drogas para que as pessoas tomem decisões conscientes e advoga pela descriminalização, mas não pela legalização. "Ainda somos muito ignorantes para isso", diz.

**BBC** - O senhor diz que a política empregada contra as drogas está equivocada. Por quê?

**Carl Hart** - Na maior parte do mundo, as políticas de drogas são baseadas em premissas falsas como, por exemplo, que drogas são muito viciantes, perigosas e imprevisíveis. As pessoas pensam que se viciarão ao usar cocaína uma única vez ou que a maconha leva a drogas mais pesadas. Em ambos os casos, é mentira, assim como muitos dos danos que as drogas supostamente causam ao cérebro. A maioria das pessoas usa drogas de forma segura.

**BBC** - Em seu livro, o senhor diz que só 10% a 20% das pessoas se viciam em crack e metanfetamina. Esse índice é alto ou baixo? Por que algumas pessoas se viciam e outras não?

**Hart** - Quem diz isso são as pesquisas feitas nos Estados Unidos nos últimos 30 anos. O índice é relativamente baixo porque significa que a grande maioria não se vicia. Mesmo entre as que se viciam, isso normalmente acontece quando elas são jovens.

Algumas se viciam porque têm problemas psiquiátricos, como ansiedade, esquizofrenia ou depressão. Usam drogas e não percebem que têm que se tratar. Questões sociais normalmente têm um papel mais importante do que qualquer outro fator. Mas podemos influenciar nestas questões. Podemos mostrar que são valorizadas e fazer com que sejam incluídas na sociedade.

**BBC** - Por que o senhor não concorda com a noção de que a maconha é a porta para o vício em outras drogas?

**Hart** - Porque os dados não apoiam isso. É verdade que usuários de heroína e cocaína usaram maconha em algum momento, mas o inverso não é verdadeiro. Todas as drogas são psicoativas e potencialmente perigosas, interferem com o cérebro para gerar seu efeito, mas também podem ser usadas de forma segura se as pessoas têm acesso a informações e são educadas sobre o assunto. Por isso não faz sentido tratar a maconha de forma diferente, como hoje fazemos com o álcool, por exemplo. Um pessoa pode morrer de abstinência de álcool, mas não de maconha, de cocaína ou heroína.

**BBC** - E por que tratamos álcool de forma diferente?

**Hart** - Porque a população em geral é muito bem informada sobre o álcool. Não acreditariam se dissessemos que, se uma pessoa bebe, ela enlouquece ou mata seus familiares. Mas isso é dito sobre cocaína e, de certa forma, sobre a maconha e as pessoas acreditam porque não têm conhecimento ou experiência so-

bre estas drogas. Se algo é reiterado por tanto tempo, como estamos fazendo com os mitos das drogas, vira verdade.

**BBC** - Tendo tudo isso em mente, como deveríamos lidar com as drogas?

**Hart** - Primeiro, corrigir as falsas premissas e acabar com a desinformação. Depois, é preciso criar leis para tratar o consumo ou porte de drogas como tratamos hoje uma infração de trânsito. Não deveríamos prender pessoas. É preciso manter os usuários e dependentes fora da prisão. Não deveria haver uma guerra contra drogas. Precisamos mudar nossa abordagem se quisermos aumentar a segurança de nossa sociedade. Há governos que fazem o que sugiro, como os da Noruega e da Suíça, mas suas sociedades são homogêneas. Em sociedades como a brasileira e a americana, que são muito diversas social e etnicamente, a política de drogas é usada como uma ferramenta para perseguir grupos que não são bem quistos. Para mostrar que eles são inferiores. O racismo tem um papel nisso, embora ninguém admita.

**BBC** - Algumas pessoas podem pensar que o senhor defende a legalização das drogas, mas não é esta posição que o senhor defende, certo?

**Hart** - Somos muito ignorantes para legalizar as drogas. Primeiro, temos que acabar com os mitos e descriminalizar em vez de responsabilizar as drogas por tudo que há de errado na sociedade.

continua na próxima página



continuação da página anterior

**BBC** - Em São Paulo, a prefeitura oferece emprego, com remuneração de R\$ 15 por dia de trabalho, cursos de capacitação e abrigo para os dependentes. Isso pode funcionar? Como podemos mostrar isso a elas?

**Hart** - Parece ser um passo na direção certa. Mas é preciso ter certeza que estas pessoas acreditam que suas vidas melhorarão se elas fizerem isso. Deixar claro que isso as tirará de uma situação terrível, que as levará a ter uma vida mais responsável. As pessoas não são estúpidas. Se você diz que ganharão certa quantia em dinheiro para fazer uma coisa e que espera-se delas certas atitudes, elas sabem isso será bom. É o que minha pesquisa mostrou.

**BBC** - No livro, o senhor reconta sua própria experiência com as drogas. Por que decidiu incluir esse relato pessoal?

**Hart** - Porque queria que todos soubessem que a maioria de nós usa drogas em algum momento e que isso não impede alguém de ser um membro produtivo da sociedade. Muitas pessoas são hipócritas e dizem que nunca usaram drogas. Não queria ser hipócrita.

**BBC** - O senhor ainda usa drogas?

**Hart** - Claro que sim. Bebo e tomo medicamentos.

**BBC** - E drogas ilegais?

**Hart** - Sou muito inteligente para usar drogas ilegais. Não preciso buscar drogas nas ruas. Posso ir ao meu médico para conseguir isso.

Esse é um dos benefícios de envelhecer e ser responsável: poder obter suas drogas legalmente. E o corpo não faz distinção entre substâncias legais e ilegais.

**BBC** - O senhor defende uma posição polêmica. Sofreu algum tipo de represália ou prejuízo por conta disso?

**Hart** - Com certeza. Às vezes, acreditam que defendo a legalização de drogas e me tratam de forma diferente, mas a maioria das reações têm sido positivas. Dizem que gostariam de poder dizer o que digo. Cientistas se beneficiam da histeria criada em torno das drogas. Se você diz à população que drogas são terríveis, mais dinheiro é dado para cientistas e policiais para lutar contra o impacto e efeitos das drogas.

**BBC** - O quão difícil é contrariar uma noção tão estabelecida na nossa sociedade?

**Hart** - É difícil, mas sou um negro que cresceu nos Estados Unidos. A dificuldade faz parte da minha vida.

O texto acima é uma entrevista de Carl Hart a Rafael Barifouse, da BBC Brasil em São Paulo Leia a íntegra em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/05/140506\\_entrevista\\_carl\\_hart\\_rb.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/05/140506_entrevista_carl_hart_rb.shtml)

**Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.**

## FALA COMUNIDADE

# A Copa e a PUC-SP

**Rivaldo Carlos de Oliveira**

Sem demagogia, mas como ficar indiferente diante de tantos atos que estão ocorrendo atualmente? Hoje me sinto envergonhado por não ser solidário a nenhuma manifestação que acontece pelo Brasil afora, mas muito pior é não ver nenhuma dentro da própria PUC-SP. Quem sou eu para falar sobre seu histórico, palco de inúmeras atividades e que ainda atua em diferentes questões políticas e sociais. Todavia, com parte integrante dela, sinto que o comodismo nos faz parecer/ser um bando de alienados. Como se qualquer palavra, dita ou escrita fosse uma afronta à própria mãe, ou talvez, à madrasta má. Ver manifestações em toda parte, de diferentes segmentos, contra a Copa do Mundo, contra a corrupção, contra a violência, contra as segregações, contra a injustiça, fica parecendo coisa do "outro", que eu não tenho nada a ver com isso. Engano, pois estamos totalmente entrelaçados

com estas questões.

A Copa do Mundo vai acontecer, porém não é por isso que não se pode manifestar contra e também não é por isso que vou deixar de assisti-la, afinal cresci sob o efeito deste "ópio". E estava pensando justamente nisto, quando sou surpreendido com o comunicado da Universidade, que a grosso modo anunciou que os feriados que aconteceriam por conta dos jogos serão cancelados, exceto durante os jogos do Brasil. Em discussão com outros colegas, fui me atentando que somente os funcionários estão sendo citados neste documento. Nenhuma explicação foi dada, nenhuma justificativa foi apresentada, logo entendo que é uma imposição verticalizada, o que me faz pensar que a indignação dos funcionários é como, a citada na música do Skank, Indignação - "(...) uma mosca sem asas, não ultrapassa a janela de nossas casas" -, e no caso, não ultrapassa as paredes dos setores. Não sei se surtirá efeito algum dia essa silenciosa indignação, espero

que seja uma confabulação, como a dos escravos, e que um dia se levante com uma revolta com voz muito maior e afaste todo este medo que não é admitido, mas que existe!

Com demagogia, no mínimo, significa que os gestores da Universidade não se importam com a nossa opinião, e também, pior, não se importam como chegaremos ao trabalho, pois pensando em jogos - que não os do Brasil na capital, por exemplo, a questão da mobilidade urbana - tão em pauta -, bem como a maneira para se chegar à universidade, tendo que atravessar bloqueios policiais, de manifestantes, de grevistas etc. E chegando aqui, o que faremos numa Universidade que provavelmente não terá aula? Talvez aumentar custo, pois utilizaremos suas instalações (inclusive a água, tão abundante). Mas para a questão de custo, até eu ajudo a pensar o contrário, pois o professor não necessariamente estará aqui - visto que é ele quem carrega o piano -, logo só

o funcionário estar não significa custo tão elevado!

Tenho certeza que todos os profissionais da Universidade não medem esforços para o desempenho de suas funções, visto que às vezes não contam nem com estrutura ou suporte para isso, mas as desempenham! Creio que os gestores não se deram conta que há diversos fatores além da simples presença do funcionário, por exemplo, o estado emocional dele para chegar até aqui, mas se isso não é visto ou reconhecido, temos um problema de gestão. O que pensamos pode não interferir na engrenagem, somente o que fazemos pode acelerar, frear ou parar o processo.

Que seja interessante a todos pensar em momentos de lazer e entretenimento, trabalho e responsabilidades e não menos importante a questão político/social desse momento.

**Rivaldo Carlos de Oliveira é funcionário da CGE**

# ROLA NA RAMPA

## Funcionários vencem ação sobre quinquênios

A Fundação São Paulo começou a cumprir neste mês sentença judicial que previa o pagamento dos quinquênios dos funcionários, limitados a três pela Fundasp em 2006. Durante a gestão da professora Maura Véras, a Fundasp denunciou o acordo interno de professores e funcionários, e determinou que o número máximo de quinquênios fosse de três. Os funcionários entraram com ação na Justiça que deter-

minou pagamento de até seis quinquênios para aqueles funcionários que ingressaram na universidade anteriormente a 15/6/2006. Os valores relativos ao período 2006/2014 serão pagos, porém ainda carecem de um cálculo por parte do SAAESP e da Fundasp. A PUC-SP entregará ao sindicato a relação dos funcionários com os seus devidos salários no período e o SAAESP procederá aos cálculos retroativos.

## Revogadas emendas de feriados

A Reitoria, juntamente com a Fundação São Paulo, emitiram ato revogando os recessos administrativos compreendidos entre os dias de jogos da seleção brasileira. A portaria enfatiza também que o procedimento, doravante, será adotado em todas as emendas de feriado. O **PUCviva** recebeu uma

grande quantidade de reclamações de funcionários que programaram viagens para os feriados, comprando passagens e tendo outros gastos. Na verdade os administrativos foram os principais prejudicados, uma vez que a maioria dos professores irá terminar suas aulas antes do início da Copa do Mundo.

## Assembleia em Sorocaba

Os funcionários do Hospital Santa Lucinda reuniram-se em assembleia no dia 15/05 para discutir a proposta do Acordo interno de trabalho e o Dissídio coletivo. O que se destacou na Assembleia foi a falta de segurança, insuficiência de mão de obra, prática de bancos de horas abusivas sem ter o acordo de banco de horas acordado com o sindicato da categoria, falta de traba-

lhadores em todos os setores, falta de segurança colocando em risco a integridade física e psicológica dos trabalhadores, fato que ocorreu na noite do dia 14/05 onde as funcionárias da recepção foram ameaçadas por moradores de rua. Ao final da reunião ficou decidido que esses e outros fatos relatados serão discutido com a FUNDASP em reunião a ser agendada.

## Professor da PUC-SP faz palestra no Peru

O professor Fernando de Almeida Santos, da Faculdade de Economia e Administração da PUC-SP viajou ao Peru para ministrar uma palestra no dia 15/5 com o tema "Armonización Contable Internacional". O professor foi convocado para o debate por sua vasta

carreira na área de contábeis. Santos também recentemente teve artigo publicado na revista Comunicar, que pode ser consultado em <http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=preimpreso&doi=10.3916/2FC43-2014-14>.

## Pastoral realiza debate sobre tráfico humano

A pastoral universitária organiza no dia 20/5 o debate Vozes do Tráfico Humano: Realidades e Desafios, com a presença de Dom Odilo. O evento discutirá o tráfico humano, trabalho escravo, banco de infor-

mações de indigentes e tráfico internacional de mulheres. O debate será entre 8h30 e 12h no Tu-carena. Para mais informações, envie email para [pastoralpuc@pucsp.br](mailto:pastoralpuc@pucsp.br) ou ligue para 3670-8557.

## Livro discute manifestações populares de junho e Direito

O professor Willis Santiago Guerra Filho, da Faculdade de Direito, lança no dia 23/5 o livro Alternativas Poético-Políticas ao Direito – A propósito das manifestações

populares em junho de 2013 no Brasil, do qual é organizador. O lançamento ocorrerá no auditório 239, entre 18h e 21h, e é organizado pela editora Lumen Juris.

## Começa nesta semana a campanha de vacinação

A tradicional campanha de vacinação contra a gripe acontece durante o mês de maio nos diversos campi da universidade, com preço fixo para estudantes, professores e funcionários. No campus Perdizes, a campanha se inicia nesta semana, e ocorre entre os dias 19 e 21/5, entre 9h e 21h30; no campus Consolação, acontecerá no dia 19/5, entre 9h e 21h. No dia 20/5, a

vacinação ocorre nos campi Ipiranga (entre 9h e 12h), Santana (entre 16h e 21h) e Sorocaba (entre 8h e 19h). No dia 21, para encerrar, haverá aplicação da vacina nos campi Barueri (entre 13h e 16h30) e Vila Clementino (entre 9h e 17h). O valor de cada dose é de R\$32,90. Funcionários associados à AFAPUC e professores associados à APRO-PUC não pagam a taxa.



Um dos debates do evento que discutiu o Serviço Social e a atual conjuntura

## No Tuca o 7º Seminário Anual de Serviço Social

Na segunda-feira, 12/5, o 7º Seminário Anual de Serviço Social, que foi realizado pela editora Cortez, aconteceu no TUCA, durante o período da manhã e da tarde. A primeira mesa de debate abordou a questão dos desafios

que o profissional de Serviço Social enfrenta na conjuntura do capitalismo contemporâneo. A atividade contou com a participação dos escritores e palestrantes José Paulo Netto e Marilda Villela Iamamoto."

MARCELA REIS